

Relato da Sessão Plenária Final: Beyond Lisbon

Fernando Albuquerque Costa | f.costa@fpce.ul.pt
Universidade de Lisboa

Painel constituído por:

Roberto Carneiro, Professor da Universidade Católica Portuguesa (moderador)

Marc Rosenberg, Consultor e especialista em aprendizagem organizacional, elearning, gestão do conhecimento

Yves Punie, Investigador Sénior, Institute for Prospective Technological Studies, Comissão Europeia

Wim Veen, Director do Centre for Educational Innovation and Technology da Delft University of Technology

O painel contou com a participação do relator geral, Ulf Ehler (Vicepresident European Foundation for Quality in E-Learning, e University of Duisburg-Essen, Germany), tendo apresentado uma síntese preliminar dos trabalhos da conferência.

Introdução

Terminou com um *rap* aquele que, na opinião de muitos, é o maior evento realizado na área da Educação e da Formação em Portugal. Um duplamente criativo *rap* sobre o *eLearning* e os desafios que esse novo conceito representa para a sociedade em geral e para a educação e a formação em particular. Um desafio principalmente para a escola tal como a conhecemos hoje - anacrónica, desinteressante e em que o objectivo de aprender aparece, aos olhos dos alunos, muito depois de "o lugar onde podemos encontrar os amigos" (Wim Veen, Sessão sobre A Nova Literacia Digital) -, porque nela continua a residir, apesar de tudo, a esperança de um futuro melhor.

O *eLearning*, central na agenda europeia e constituindo um dos eixos nucleares a partir da cimeira de Lisboa (2000), em que se define como objectivo estratégico tornar a Europa a região do globo tecnologicamente mais desenvolvida em 2010 ("tornar-se na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social"), é natural que tenha vindo a assumir particular relevância nos últimos anos, de forma transversal a todas as áreas, apesar de entendimentos e práticas muito diversas, em busca do objectivo de preparar os cidadãos para uma sociedade ela própria em mudança e cujos contornos não é fácil antecipar.

Como podem preparar-se as pessoas para algo que não conhecemos? e Como pode o eLearning contribuir para esse processo? foi, aliás, o mote dado pelo relator geral da conferência, consubstanciado numa síntese preliminar sobre a conferência e em quatro desafios colocados aos elementos do painel.

De acordo com Ulf Ehler, do conjunto das sessões da conferência emergem três ideias-chave que importa, desde logo, reter: i) em primeiro lugar, a que nos remete para a necessidade de aceitar a “mudança ao nível dos conceitos” e de compreender o que implica essa mesma mudança (do foco no ensino para o foco na aprendizagem e na participação activa dos indivíduos no processo; do *eLearning* enquanto distribuição de conhecimento para o *eLearning* enquanto interacção, colaboração, reflexão e enquanto estratégia de inovação e reforço do desenvolvimento individual e organizacional); ii) em segundo lugar, a necessidade de compreender na sua verdadeira extensão quais são e o que implicam as “novas competências do cidadão”, seja do ponto de vista individual (aprender autonomamente, aprender a aprender, etc.), seja do ponto de vista social (a aprendizagem enquanto resultado e estratégia de desenvolvimento pessoal e social), ou mesmo no que se refere à valorização de novas perspectivas sobre o que é aprender e de novos tipos de aprendizagem (valorização da aprendizagem informal, valorização do investimento individual, das aprendizagens prévias, etc.); iii) em terceiro e último lugar, a necessidade de equacionar a intervenção de forma articulada, vertical (“Bring together all stakeholders in a new dialogue on innovation through (e)Learning”) e horizontalmente (“Bring together digital and social inclusion, individual and societal transformation and competitiveness”).

Tendo como propósito estimular a participação e orientar o debate entre os elementos do painel, foram quatro os desafios colocados por Ulf Ehler:

- *Como podemos antecipar, com segurança, as necessidades do futuro?*
- *Como é que as instituições educativas tradicionais (“old fashioned (educational) organisations”), podem tornar-se agentes inovadores e marcadores activos desse futuro?*
- *Como podemos levar os indivíduos a tornarem-se mais activos e mais capazes de gerir, autonomamente, o seu capital intelectual?*
- *Como podemos promover a generalização e a qualidade da utilização das tecnologias de informação e comunicação por todos os cidadãos?*

Embora sem carácter sistemático, tomaremos estes quatro aspectos como estrutura para apresentação do que de mais relevante nos pareceu emergir do debate. Dada a elevada qualidade das intervenções e o reconhecido mérito dos elementos deste painel final, referir-nos-emos nomeadamente às ideias que, pela sua pertinência, novidade ou carácter visionário, constituem uma achega de importância crítica, nomeadamente para quem tem responsabilidades e capacidade de decisão neste domínio.

Sobre a antecipação das necessidades do futuro

Sobre a questão da identificação das necessidades do futuro, Wim Veen defende como estratégia preferencial, quando se trata de preparar as novas gerações, a criação de cenários de antecipação do que a sociedade poderá vir a ser. Isso implica sobretudo uma forte dose de criatividade e um corte radical, assumido, com os processos convencionais de ver e fazer as coisas. Sugere, por exemplo, a criação de empresas que não existem hoje como ambiente privilegiado de formação e desenvolvimento e como forma de lidar, por antecipação, com a incerteza do futuro. Na mesma linha se situa Marc Rosenberg ao defender precisamente a “preparação para a incerteza” como pedra-de-toque da formação dos jovens e dos adultos que vivem já hoje numa sociedade marcada pela facilidade de acesso à informação e ao conhecimento. Dominar

os processos de pesquisa, análise e tratamento da informação, como estratégia de construção de conhecimento, é a ideia central proposta também para a construção de uma “sociedade em que as pessoas sabem aprender e pensam bem”. Visando apontar um caminho, Yves Punie coloca também o conceito de “aprendizagem” no centro da discussão. Não apenas no que concerne à identificação das competências que as pessoas precisam de ter para viverem numa sociedade baseada no conhecimento, mas também no que significa aprender nos contextos tecnológicos actuais e futuros e do modo como essas competências terão de ser trabalhadas.

Sobre as instituições educativas enquanto agentes de inovação

Reequacionar a aprendizagem é também uma ideia-chave para Wim Veen, ao defender que as mudanças terão de se operar não apenas do ponto de vista conceptual, mas também ao nível das práticas, ou seja, dos processos que normalmente são utilizados para equacionar os problemas educativos e a sua resolução. De forma clara, Wim chega mesmo a colocar em causa “o que a escola ensina e como está organizada”, assentando numa lógica de oferecer “o mesmo para todos”, quando já se percebeu que é um modelo completamente desajustado às exigências e oportunidades dos dias em que vivemos. *Por que razão não é a informação disponível na Internet mais utilizada nas salas de aulas?* é uma das questões colocadas por Marc Rosenberg e que ilustra bem a fortemente enraizada inabilidade da escola, não apenas em acompanhar o progresso tecnológico em geral, mas sobretudo em aproveitar o seu enorme potencial pedagógico ao serviço do ensino e da aprendizagem. Por outras palavras, como o próprio Marc Rosenberg sublinha, trata-se de perceber “como é que o conhecimento pode dar mais poder à escola”. Corroborando a ideia de que estamos perante uma escola obsoleta, Rosenberg defende, aliás, que o *eLearning*, pondo em causa o modo como normalmente vemos as coisas (“é antes de tudo uma questão cultural”), terá de ser aproveitado como alavanca para as mudanças institucionais desejadas e “absolutamente indispensáveis”. Mudanças que na opinião de Yves Punie podem passar precisamente pela valorização da forma intuitiva e informal de adquirir conhecimento que as novas ferramentas permitem e que são conhecidas por ferramentas da Web 2.0 (ferramentas de criação e produção individual na Web, tal como weblogs, wikis, fóruns de discussão, sistemas de partilha de recursos, etc.).

Sobre o “empowerment” dos indivíduos, de cada indivíduo...

É precisamente ao nível do desenvolvimento de competências sociais assentes na ideia de intersubjectividade, de conhecimento distribuído e de comunicação e partilha entre os indivíduos, que o conjunto de participantes no painel considera residir uma das mais poderosas estratégias de “empowerment” individual, respondendo afirmativamente, aliás, à proposta feita nesse sentido por Roberto Carneiro, moderador do painel. Roberto Carneiro destaca ainda as competências metacognitivas como “utilização intelectual” de importância crítica e decisiva na preparação de um cidadão apto a lidar com quantidades inimagináveis de informação e com a já referida incerteza do futuro (Rosenberg refere-se a “bons consumidores de informação”). Ficou claro, no entanto, que não é suficiente remeter para a escola a responsabilidade da aquisição destas competências-chave, reservando os intervenientes do painel uma grande fatia para a acção individual de cada um no seu próprio desenvolvimento, muito para além dos contextos formais de aprendizagem e numa lógica de promoção e desenvolvimento da capacidade de decisão e da criatividade de cada cidadão.

Sobre a inclusão e a qualidade do uso das tecnologias

Ficou no ar a ideia, defendida por Wim Veen, de que as tecnologias em si-mesmo não podem ser o objectivo da escola. Terão de constituir, antes de mais, uma forma de potenciar a capacidade de aprendizagem de cada um (a capacidade para cada um aprender mais e melhor por si só). Contudo, não fica muito claro como podemos promover em concreto a qualidade da utilização dessas mesmas tecnologias, pois, como foi unanimemente reconhecido, uma das principais barreiras reside, curiosamente, na falta de “amigabilidade” (“user-friendly”) das tecnologias hoje disponíveis. A questão de como preparar os mais velhos, ou outros grupos menos apetrechados do ponto de vista das competências tecnológicas, dotando-os destas e de outras competências-chave para uma integração confortável e efectiva no mundo em que vivemos, é talvez a questão a que o painel teve mais dificuldade em responder. De facto, não foi possível avançar para além de um “wishful thinking” que vislumbra para o ideal de uma Europa mais inclusiva, entre outros, a “redução de desigualdades” no acesso e uso das tecnologias, “pessoas mais competentes” e “auto-didactas”, pessoas que terão à sua disposição “tecnologias mais intuitivas”...

Para concluir

Olhares de um grupo de jovens alunos europeus sobre a escola e as tecnologias, constituíram uma interessante oportunidade para conclusão da discussão e reafirmação das principais ideias defendidas pelos elementos do painel sobre o papel das tecnologias ao serviço da aprendizagem e sobre o papel da escola no desenvolvimento de cidadãos mais activos e criativos, de forma a garantir e tornar realidade a construção de um futuro melhor.

Lisboa, 20 de Outubro de 2007